

Editorial

ANTES QUE SEJA TARDE

Por meio de seus representantes, a cidade está discutindo uma nova revisão da Lei de Parcelamento, Uso e Ocupação do Solo e do Plano Diretor de Belo Horizonte. O Executivo quer modificações na legislação. Em questão estão as regras de licenciamento de novos empreendimentos imobiliários.

A liberalidade com que isso foi feito anteriormente, a pretexto de não encarecer o custo dos imóveis, levou ao impasse atual. A falta de espaços disponíveis faz os empreendedores cobiçarem áreas de preservação ambiental. Algumas áreas estão tão densamente ocupadas que beiram o colapso.

A carência de espaços fez os empreendimentos imobiliários se deslocarem para as regiões limítrofes da capital. Aí se ergueram, em poucos anos, verdadeiros paredões de prédios. A ventilação da cidade foi prejudicada, aquecendo a temperatura local. Reflexos se fazem sentir também no trânsito e nos serviços públicos.

É caso do Belvedere. A primeira lei, de 1976, só permitia a construção de residências unifamiliares. Por artes do Poder Econômico, em conluio com o poder público, essa restrição caiu e hoje não se tem mais vista para a serra do Curral – eleita símbolo de Belo Horizonte. O mesmo ocorre no bairro Buritis.

A região foi a que mais sofreu a violência do processo de verticalização. A infraestrutura já não suporta a demanda da população. Isso é visível no trânsito. Em consequência, o poder público está sendo obrigado a reduzir o aproveitamento dos terrenos – no Buritis, corretivamente, e em outros bairros, preventivamente.

Apesar dos esforços do poder público, este não conteve o crescimento desordenado da cidade, ditado, nas áreas urbanizadas, pelo setor da indústria da construção civil. A legislação ora em discussão é uma tentativa de reverter o processo – realizada já tarde demais, em alguns casos, mas ainda a tempo, em outros.

O desafio é evitar que as condições de habitabilidade de Belo Horizonte sejam comprometidas irremediavelmente.

SEMPRE EDITORA LTDA

FUNDADOR	Vittorio Mediolì
PRESIDENTE	Laura Mediolì
VICE-PRESIDENTE	Luiz Alberto de Castro Tito
DIRETOR EXECUTIVO	Teodomiro Braga
DIRETOR FINANCEIRO	Marcos de Oliveira e Souza
GERENTE COMERCIAL	EDITORIA EXECUTIVA
Leandro Figueiredo	Lúcia Castro
GERENTE DE TECNOLOGIA	SECRETÁRIAS DE REDAÇÃO
Fábio A. Santos	Michele Borges da Costa
GERENTE INDUSTRIAL	Regiane Marques Sampaio
Guilherme Reis	ADJUNTA DA SECRETARIA DE REDAÇÃO
GERENTE ADMINISTRATIVO E FINANCEIRO	Aline Reskalla
Walmir Prado	EDITORES
GERENTE DE MARKETING	Primeira Página: Robert Wagner
Alessandra Soares	Opinião: Victor de Almeida
GERENTE DE CIRCULAÇÃO	Economia: Karlton Aredes
Isabel Santos	Política: Carla Kreefft
	Magazine: Silvana Mascagna
	Fotografia: Leonardo Lara
	Brasil/Mundo: Carla Chein
	Esportes: Denner Taylor
	Cidades: Carla Alves

O.PINIÃO

Duke



www.dukechargista.com.br



FÁTIMA OLIVEIRA
Médica
fatimaoliveira@ig.com.br

Acampamento feminista: um chamado à solidariedade

Está em toda a parte. É cada uma de nós, onde estivermos

Nos cem anos do Dia Internacional da Mulher (1910-2010), apresentamos o Acampamento Internacional Feminista Myriam Merlet, Anne Marie Coriolan e Magalie Marcelin, em solidariedade ao povo e às mulheres do Haiti – uma resposta feminista à tragédia de 12 de janeiro, onde a vida das mulheres já era extremamente difícil e, conforme o Banco Interamericano de Desenvolvimento, um terço delas sofria violência física ou sexual, metade com menos de 18 anos (2006).

A ação foi tecida após viagem de Sèrgia Galvan, da Rede de Saúde das Mulheres Latino-Americanas e do Caribe, a Porto Príncipe, dois dias após o terremoto, que em e-mail nos disse: “Queridas amigas, regressei na madrugada de hoje do Haiti. Tudo o que puder contar é pouco... As pessoas são caminhantes: vão e vêm sem rumo; são deambulantes que carregam dor, miséria e sonhos em ruínas. As pessoas caminham, caminham, caminham... É como se o caminhar as liberasse da tragédia” (15.01.2010).

Feministas dominicanas idealizaram o formato da solidariedade, coordenada por representantes do Brasil (Rede Feminista de Saúde), Estados Unidos, Haiti, Honduras, México, Nicarágua, Panamá, Porto Rico e República Dominicana. Instalado na cidade dominicana de Jimani, na fronteira do Haiti com a República Dominicana, o acampamento visa a fornecer assistência econômica; de saúde sexual e reprodutiva; e psicológica (atenção a traumas pós-desastre); realizar ações que promovam a participação e a liderança das mulheres na reconstrução do país; e prover

necessidades mais prementes, como tendas e alimentação.

María Suárez Toro, no artigo “Dónde existe el Campamento Feminista y qué está haciendo?”, responde: “O acampamento feminista é um lugar e uma estratégia: cada uma de nós, no que fazemos e de onde fazemos, é uma semente do acampamento” e “na medida em que a estratégia de solidariedade internacional se expande, o acampamento está em toda parte”. Ou seja, o AIF é cada uma de nós, onde estivermos. Para apoiar a cidadania das haitianas,

nas, deposite qualquer quantia na conta nacional: Banco do Brasil 001, agência nº 0.646-7 Ana Rosa, conta corrente nº 29928-6, favorecido: Centro Apoio Mulher Haiti, CNPJ nº 62579164/0001-72.

As prioridades políticas do acampamento são: “Advogar, incidir e monitorar para que as necessidades específicas das mulheres e das meninas sejam incorporadas nas agendas multilaterais e bilaterais de ajuda; apoiar os esforços das haitianas na refundação do seu Estado, governo e sociedade civil, reconhecendo a experiência feminista na região em outras catástrofes da natureza; apor-

tar desenhos de políticas públicas que incluam necessidades decorrentes do terremoto natural e social, como sequelas físicas, traumas emocionais, violência de gênero, saúde sexual e saúde reprodutiva; e apoiar a recuperação da memória do movimento feminista e de mulheres do Haiti”.

Para feministas nicaraguenses, que vivenciaram um terremoto com grande rastro de destruição, “qualquer estratégia de solidariedade para a reconstrução pós-terremoto deve estar baseada em uma perspectiva que reconheça as capacidades endógenas da gente desse país para recuperar-se e empreender o caminho de sua recuperação integral, com dois eixos centrais: luta contra o sexismo e o racismo e a busca de recursos materiais, psicoemocionais e organizativos que lhes permitam protagonizar as tarefas de reconstrução de suas vidas e de sua sociedade”.

